

# Padre Antonio Vieira - Sermões

por L. Weingaertner

A Companhia Editora Nacional editou, em 1957, um volume com os mais conhecidos sermões do Padre Antônio Vieira, contendo, a título de introdução, um douto e profundo ensaio crítico de Jamil Almansur Haddad, escritor e crítico literário de renome.

Padre Antônio Vieira por muitos é considerado não só o maior pregador de fala lusitana, mas também “no século, o maior nome da língua portuguesa” (pg. 9). Consta que o famoso Jesuíta, nascido em 1608, e que já com 6 anos chegou ao Brasil, teve uma influência sem par em seu século, mormente nos domínios portugueses. Não é, porém, só o papel histórico, mas o próprio conteúdo de seus sermões, com sua riqueza literária, sua eloquência arrebatante, seu fervor místico e profético que se torna merecedor de nosso estudo. O ensaio crítico de Jamil Almansur Haddad (86 páginas dum total de 524) prima pela agudeza e precisão das observações — um espírito deveras congenial — se bem que o douto historiador e crítico literário emita seus conceitos de uma distância crítica, procurando compreender o poderoso pregador como representante do espírito barroco, dominante na época, e aventando-se a interpretar os seus sermões por meio de reflexões psicológicas e de comparações históricas. O leitor atento encontrará no aludido prefácio valiosos indícios que lhe ajudarão a compreender melhor não só o autor dos célebres sermões, mas também o espírito e a força do pensamento católico da época, se bem que no decorrer da leitura dos próprios sermões vá formando os seus próprios conceitos.

O sermão que sem dúvida despertará o maior interesse do leitor teólogo e pregador será o primeiro da série de 15, contidos no volume. Foi pregado no domingo Sexagesima de 1655, na capela real de Lisboa e está baseado em Lucas 8,4—15: — Semen est Verbum Dei. Sob a forma de um sermão nos são apresentados os princípios homiléticos do autor, juntamente com críticas, às vezes causticantes, da maneira de pregar de seu tempo. Valerá a pena ouvirmos algumas de suas diretrizes que não perderam nada de sua originalidade e de sua atualidade.

Após uma interpretação alegórica dos 4 tipos de campo, Vieira passa a perguntar (II): “Pois se a palavra de Deus é tão poderosa... por que não vemos hoje nenhum fruto na palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria

do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será e também a vós; a mim para aprender a pregar; e vós para que aprendais a ouvir." No cap. IV Vieira demonstra que é fiel discípulo de Inácio de Loyola e que aprendeu a lição dos Exercícios Espirituais: "Sabem, padres pregadores, por que fazem pouco abalo os nossos sermões? Porque não pregamos aos olhos, pregamos só aos ouvidos". A herança de uma estremada tradição retórica latina transparece a cada momento (V): "Cecidit... para o sermão vir nascendo, há de ter três modos de cair: Há de cair com queda, há de cair com cadência, há de cair com caso. A queda é para as coisas, a cadência para as palavras, o caso para a disposição." No cap. VI polemiza os "apostiladores" do evangelho, que "tomam muitas matérias, levantam muitos assuntos, e quem levanta muita caça e não segue nenhuma, não é muito que se recolha com as mãos vazias... O sermão há de ter *um* assunto e *uma* só matéria." Dirige-se contra os semeadores de semente alheia (VII): "Só quem sabe fazer a rêde, sabe fazer o laço... A rêde tem chumbada que vai ao fundo e tem cortiça que nada em cima da água... Na boca de quem não faz a pregação até o chumbo é cortiça... o pregar não é recitar." No cap. IX vai ao âmago da questão, tentando responder à pergunta inicialmente feita: "As palavras de Deus, pregadas no sentido em que Deus as disse, são palavras de Deus; mas pregadas no sentido que nós queremos, não são palavras de Deus, antes podem ser palavras do demônio." Notamos que aqui Vieira se encontra muito perto de Lutero, com o qual aliás tem muita coisa em comum na sua maneira de argumentar, de criticar os males do tempo, de enfrentar destemidamente autoridades seculares e eclesiásticas. É de se notar, aliás, que todos os sermões estão baseados em textos bíblicos e que não há página que não seja saturada de citações bíblicas, freqüentemente alegorizadas e usadas a título de ilustração. A distância que apesar disto separa Vieira do Reformador se evidencia não somente nos princípios formais de sua hermenêutica e de sua homilética, mas no próprio assunto, no escôpo de seus sermões. Finalizando a sua célebre prédica, a qual estamos apostilando, fala de dois famosos pregadores de Coimbra, acêrca dos quais se levantou uma alteração referente os méritos e a grandeza de cada um. Um lente da Universidade deu o seguinte julgamento: "Quando oiço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando oiço outro, saio muito descontente de mim". "...Semeadores do evangelho... eis aqui o que devemos pretender nos nossos sermões — não que os homens saiam contentes de nós — senão que saiam muito descontentes de si."

Não há dúvida que Vieira, em todos os seus sermões, é capaz de despertar êste salutar descontentamento do ouvinte consigo mesmo. Como teólogos luteranos perguntamos, se isto é o que basta, se o pregador evangélico não deve, antes de tudo, pregar (*praedicare* = enaltecer) o evangelho da graça e do perdão de Jesus Cristo, sem o qual o descontentamento não poderá resultar em alegria. Vemos que nestas magníficas páginas de oratória sacra

apesar das constantes citações bíblicas o próprio escôpo geral da Escritura — a salvação do pecador pela fé em Jesus Cristo — corre perigo de ser obscurecido. Isto se torna bem patente no “Sermão do Bom Ladrão”, sôbre Lucas 23,32 etc. Vieira discorre longamente sôbre ladrões grandes e pequenos, com mal disfarçados ataques aos políticos de seu tempo, fala da conveniência de restituir os bens roubados, usa de ironia mordaz para desmascarar os administradores desonestos — fala de Adão que roubou o pomo no paraíso — mas não fala do escôpo do texto: o perdão imerecido, pela graça do Cristo crucificado. Para encorajarmos os nossos leitores a fazerem um estudo do próprio livro e a compararem a homilética do maior pregador de língua lusitana com a pregação de Martinho Lutero, citemos um trecho de um sermão do Reformador sôbre o mesmo texto (Lucas 23), que serve bem para ilustrar a distância que separa a ambos (1): “Cristo lhe responde: Em verdade te digo: hoje estarás comigo no paraíso. Esta é uma palavra forte. Por isso festejemos bem o ladrão e consideremos a sua história a primeira e a melhor história de santo da cristandade. Aqui tens o exemplo como acontece que te tornas um cristão. Os monges se envergonham de serem semelhantes a êste ladrão. Mas tu não te envergonhes de transformar-te em cristão, seguindo o exemplo do ladrão. Mas talvez digas: não sou nenhum homicida. Eu te digo: tu o és, pois te encontras debaixo de Satanás, que é homicida. Êste ladrão se tornou o primeiro santo do Novo Testamento, pela paixão de Cristo. Em favor dêle Cristo orou na cruz. Como êle todos nós nos tornamos cristãos. E que o reconhecêssemos: O ladrão é um abade que mais vale do que São Bernardo e São Benedito. O que é o monasticismo todo em comparação com êle?”

Provenientes de Lutero e de sua pregação cristocêntrica somos obrigados a perguntar Vieira se êle não deixou de levantar a única caça que foi mandado seguir, se não deixou de lado o “*um assunto*” e a “*uma matéria*”, se prega as palavras de Deus” no sentido em que Deus as disse”, isto é no sentido da revelação salvífica em Cristo. A pergunta fundamental pelo “*recte docere*”, em seu aspecto básico do “*recte praedicare*” aqui se impõe e assume relevância decisiva. Que a respondam os leitores, ao lerem êste livro que consideramos uma das obras de leitura mais estimulante que já se publicaram em língua portuguêsã.

(1) Citado conforme Calwer Lutherausgabe, III, pg. 128. Tradução própria.